

## ESPAÇOS PÚBLICOS E VIDA URBANA: UMA LEITURA DO PROJETO CIDADE PEDRA BRANCA

### Fernanda Maria Menezes

Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Sul de Santa Catarina  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade  
Orientador: Prof. Dr. Almir Francisco Reis  
E-mail: fernanda.menezes@unisul.br

### RESUMO

O projeto Cidade Pedra Branca está sendo implantado em Palhoça, região metropolitana de Florianópolis, sul do Brasil, inicialmente alavancado pela instalação do Campus da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina), em 1997. O que seria uma urbanização nos moldes do zoneamento monofuncional transformou-se, a partir de 2005, em um empreendimento alinhado às premissas do Novo Urbanismo. O presente trabalho visa identificar e avaliar a rede de espaços públicos configurada por este projeto, resgatando seu processo histórico e realizando análise morfológica para identificar potencialidades e limitações da proposta no que se refere à criação de um ambiente genuinamente urbano. O que se observa é que, a exemplo de outras propostas efetivamente implementadas por esta corrente, o projeto acaba se estruturando de modo introvertido e autocontido, se firmando mais em termos locais do que em uma efetiva integração com o todo da estrutura urbana em que está inserido.

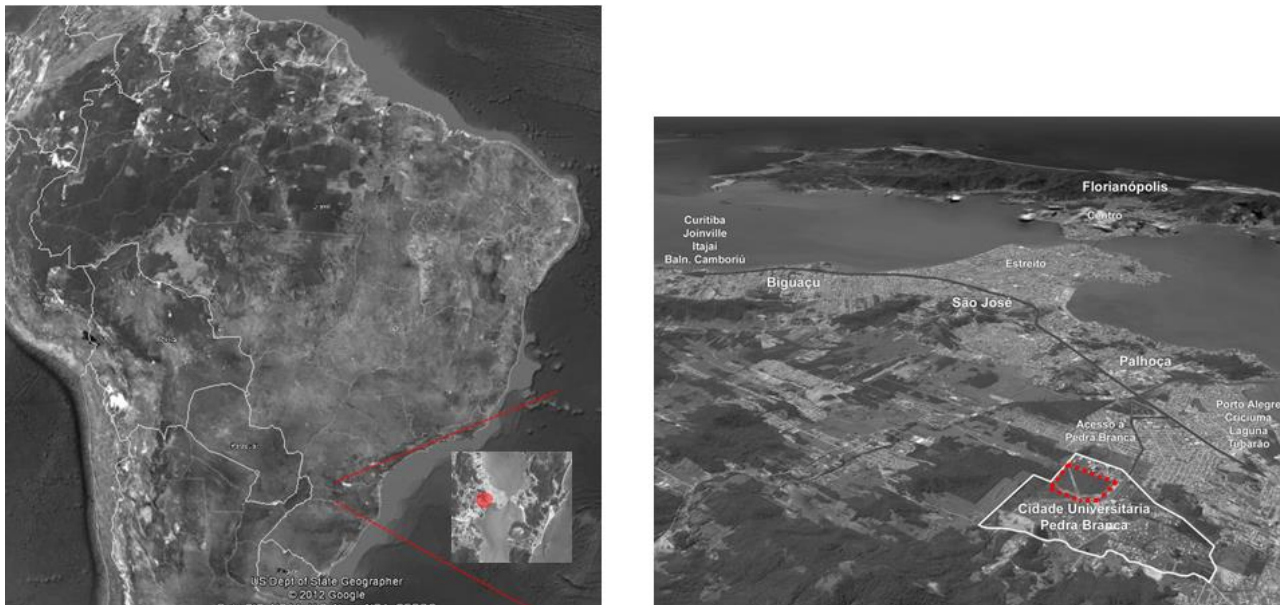
**Palavras-chave:** Projeto Urbano, Espaço Público, Novo Urbanismo, Cidade Pedra Branca

### ABSTRACT

The Pedra Branca project is being implemented in Palhoça, county of the Florianopolis metropolitan region, in southern Brazil. Its beginning was boosted by the installation of UNISUL Campus (University of Southern Santa Catarina) in that region in 1996. What would be an urbanization along the lines of monofunctional zoning, became, from 2005, in a urban development aligned with the assumptions of the New Urbanism. This paper identifies and evaluates the network of public spaces configured for this project, restoring its historic process and performing morphological analysis to identify the strengths and limitations of the proposal regarding the creation of a genuine urban environment. What is observed is that, like other proposals effectively implemented by this current, the project ends up being structured so introverted and self-contained, establishing urban relations more in local terms than inan effective integration with the entire urban structure context.

**Keys word:** Urban Design, Public Space, New Urbanism, Pedra Branca

# 1 INTRODUÇÃO



**Figura 1. Localização: tecido continental do aglomerado urbano da Florianópolis, com Ilha de Santa Catarina ao fundo – área em intenso processo de transformação.**

Fonte: Elaboração sobre Google Earth

O projeto Cidade Pedra Branca, com implantação em Palhoça/SC, região metropolitana de Florianópolis, sul do Brasil, foi alavancado pela instalação do Campus da Universidade do Sul de Santa Catarina, em 1997. Concebido como uma proposta de urbanização nos moldes do zoneamento monofuncional transformou-se, a partir de 2005, em um empreendimento alinhado às premissas do Novo Urbanismo. Com aproximadamente 4.000 habitantes, deve chegar a 30.000 num horizonte de 15 anos, com a implantação de um “centro de bairro”, que se propõe a priorizar os pedestres, os espaços públicos e o uso misto, constituindo-se, desta forma, numa nova centralidade para a região continental da Grande Florianópolis. Este projeto foi ganhador de diversos prêmios urbanísticos, tendo seu plano urbano sido desenvolvido pela DPZ-DuanyPlater-Zyberk&Company - e demais projetos por escritórios locais de arquitetura, assessorados pela DPZ e pela Gehl Architects, entre outros.

Os impactos de um projeto urbano são percebidos não somente pelos espaços físicos criados, como também pela dinâmica que se estrutura na medida em que se consolidam. Neste contexto, é recorrente perguntar se o quanto a Cidade Pedra Branca oportunizará uma dinâmica de encontro de diferentes pessoas que fará daquela proposta um centro de efetiva urbanidade?

Partindo deste questionamento o objetivo central do trabalho foi identificar e avaliar a rede de espaços públicos configurada pelo projeto Cidade Pedra Branca, verificando as condições geradas em termos de urbanidade. Para tal, foi resgatado o processo histórico de formação e consolidação do projeto e realizada análise morfológica no sentido de identificar as potencialidades e limitações da proposta no sentido da criação de um ambiente genuinamente urbano.

O esquema metodológico utilizado foi constituído por duas etapas desenvolvidas em paralelo: a primeira aborda uma revisão teórico-conceitual sobre espaços públicos; a segunda refere-se à identificação e caracterização da forma urbana, usos e atividades do projeto Cidade Pedra Branca, bem como sua inserção e costura com o tecido pré-existente, sob a ótica da efetiva apropriação da rede dos espaços públicos. Através da realização das leituras morfológicas foi verificado como se estrutura o projeto, sua articulação com o entorno, e que possibilidades apresenta no sentido de criação de um ambiente genuinamente urbano, dotado de diversidade social e espaços públicos qualificados. Além do estudo da totalidade da estruturação da malha viária e sua relação com a distribuição das atividades urbanas, foram realizadas leituras da configuração em escala local, analisando ruas, praças e demais espaços públicos urbanos e sua relação de permeabilidade com as edificações. Foram analisados os efeitos de copresença gerados pela distribuição dos usos e das atividades no território, favorecidos ou limitados pela forma urbana e pela definição das atividades no espaço. Ênfase especial foi dada à centralidade urbana proposta, inferindo reflexões a respeito do papel que desempenharia enquanto articuladora do bairro como um todo e criadora de um campo de encontros imprevisíveis, não programados e socialmente diversos.

## 2 PROJETO CIDADE PEDRA BRANCA

A Cidade Pedra Branca localizada em Palhoça/SC é oriunda da Fazenda Pedra Branca. Inicialmente concebida como uma proposta de urbanização, nos moldes do zoneamento monofuncional transformou-se, a partir de 2005, em um empreendimento alinhado às premissas do Novo Urbanismo e se constitui no primeiro exemplar concebido sob estes princípios que está sendo construído no Brasil. Esta área, projetada para alta densidade, passou a ser denominada e entendida como centro de bairro.

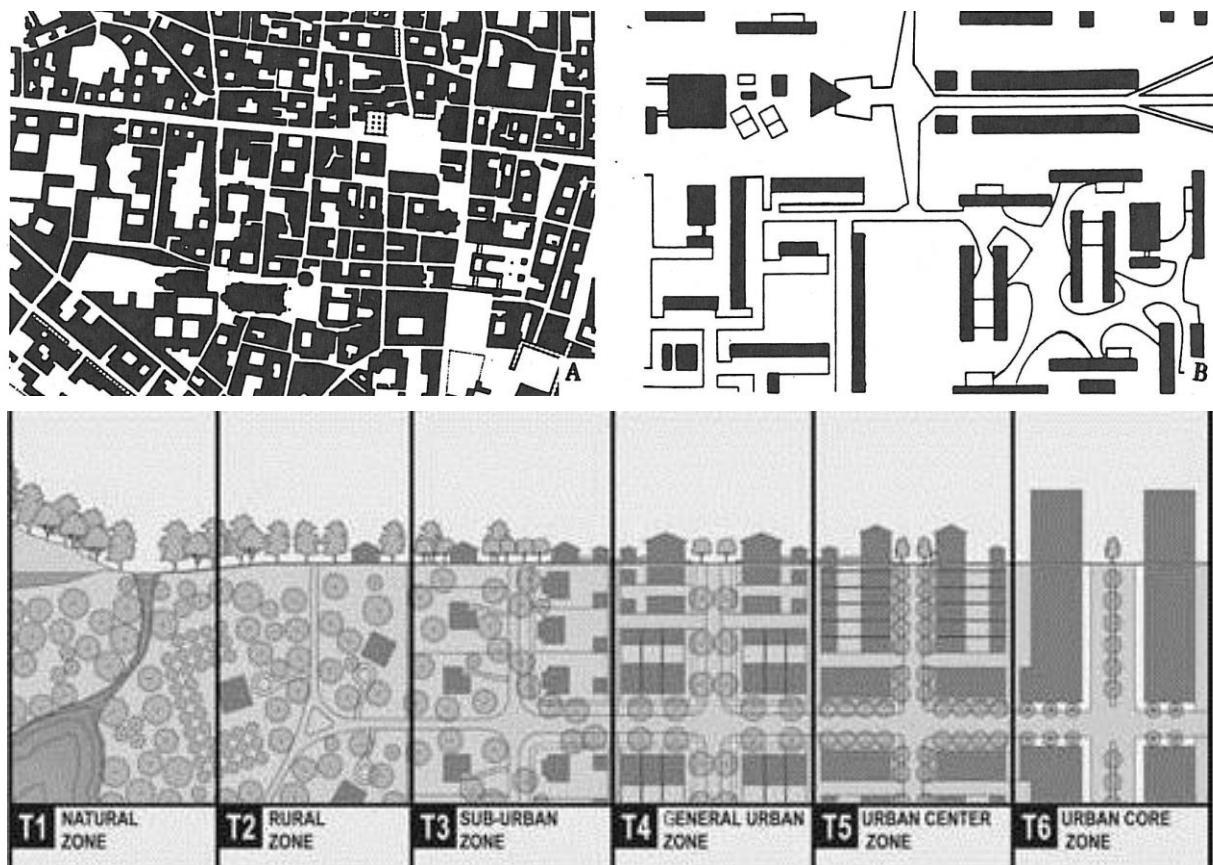
Palhoça, de uma maneira geral, se depara com conflitos decorrentes da falta de planejamento urbano. A Cidade Pedra Branca se confronta com as formas espontâneas de apropriação do tecido urbano pré-existente no seu entorno. Isto identifica uma costura dos espaços em que o determinismo do plano urbano se confronta com as formas espontâneas de apropriação. A dualidade entre a urbanização espontânea e o urbanismo planejado proporciona um caráter híbrido à região analisada, evidenciando seus processos de configuração e organização no tempo.

O plano urbano do projeto Cidade Pedra Branca parte da premissa que localização, escala, forma e qualidade projetual das edificações - públicas ou privadas - bem como de seus espaços abertos afetam diretamente a qualidade de um lugar para viver, trabalhar e visitar. Objetivando alcançar nível de excelência na concepção arquitetônica, linguagem formal e projeto urbano com ênfase aos espaços públicos, o plano urbano da Cidade Pedra Branca prevê diretrizes, apontando ações de sustentabilidade urbana, propondo edificações com uso misto, reunindo atividades de trabalho, moradia e lazer, incentivando diversidade de usuários, valorizando percursos para pedestres, reduzindo o uso de automóveis. Ainda em relação às proposições projetuais, o caráter misto das edificações com o térreo predominantemente comercial, aliado ao resgate do uso da rua através da integração entre o conjunto formado pelo recuo das edificações, passeios e vias, e a prioridade ao pedestre, procuram garantir acessibilidade, conforto e legibilidade dos espaços.



Figura 2. Projeto Cidade Pedra Branca: urbanidade e espaço público como características de elementos imobiliários.  
Fonte: [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br) acesso em abril/2013

### 3 ESPAÇO PÚBLICO URBANO



**Figura 3. Modelos urbanos e espaço público. 3A. Parma/ Brasília: a inversão modernista na relação figura fundo – dos espaços públicos contidos na massa edificada ao vazio maximizado. Figura 3B. A transição gradual do urbano ao rural como proposto pelo Novo Urbanismo.**  
Fonte: HOLSTON, 2010 e DUANY & SPECK, 2010.

A história das cidades sempre esteve relacionada com os espaços públicos urbanos, refletindo a evolução e o desenvolvimento da sociedade e das formas de pensar. Os espaços públicos urbanos se constituem em elementos estruturantes da forma urbana, oportunizando uma variada gama de interações entre os indivíduos e um funcionamento equilibrado do sistema urbano. Formam uma rede de percursos que atravessam a cidade estruturando-a, integrando-a e conferindo-lhe continuidade, além de se caracterizarem como elementos qualificadores tanto em termos urbanísticos, como também em termos culturais e sociais, condicionantes da vivência urbana, sendo palco das diversas manifestações da vida urbana e características de uma época. Deste modo, o projeto do espaço público deve contribuir para a criação e consolidação de uma malha urbana que reconheça o contexto e identifique as características de cada espaço, bem como a maneira como concorrem para a formação de um todo, mais vasto e complexo.

Sitte<sup>1</sup> (1992), mesmo tratando de aspectos mais relacionados à estética urbana, aborda questões relativas à apropriação do espaço público, analisando ruas e praças como lugar de passagem e encontro. Autores como Jacobs (2003), Hillier & Hanson (1984) e Peponis (1991) abordam, implícita ou diretamente, a forma como influente nas práticas de vivência e relacionamento entre os diferentes grupos sociais. Neste contexto, o espaço público possui atributos que são propícios ou restritivos às relações de trocas sociais, ou seja, o espaço público qualificado permite o reconhecimento mútuo dos usuários, se constituindo na base de sustentação do modo de vida de diferentes grupos.

Numa revisão histórica acerca da apropriação do espaço público nas cidades, observa-se que na cidade pré-industrial o espaço público apresentava-se como elemento estruturador do espaço urbano, sendo o local onde aconteciam as atividades necessárias e as atividades opcionais (Gehl, 1996). Na cidade

<sup>1</sup> A construção das cidades segundo seus princípios artísticos teve sua primeira edição em 1889.

industrial isto foi mantido, porém as atividades necessárias predominavam no espaço público sendo que a novidade era a exteriorização da atividade de trabalho.

A Cidade Jardim, de Howard, se organiza em torno dos espaços públicos, que são seus elementos estruturadores e são configurados pelos edifícios, deixando clara a separação entre público e privado. Já a cidade modernista, com as funções rigidamente separadas e sem sobreposições, opõe-se à cidade tradicional onde se faz presente a diversidade funcional, traduzindo-se em áreas centrais vazias à noite e áreas residenciais caracterizadas como cidades dormitório. Os espaços públicos não são os elementos estruturadores do lugar e as ruas e avenidas não estão caracterizadas como uma malha conectada. A rua deixa de ser lugar, passando a ser entendida como uma conexão cujas distâncias são excessivas para serem percorridas a pé, favorecendo a presença do automóvel e criando barreiras aos pedestres.

Os críticos ao movimento moderno buscam no resgate da cidade tradicional um maior sentido de comunidade e de identidade. Neste âmbito, Camillo Sitte foi redescoberto, subsidiando muitas críticas realizadas, a partir da década de 1950, à cidade preconizada pelo movimento modernista, tendo sido um dos primeiros autores a abordar a inversão formal resultante do aumento dos vazios em relação aos cheios. As ideias de Sitte, de certa forma, antecedem os dissidentes do urbanismo moderno que viriam meio século depois.

Peponis (1989) apresenta um quadro do desenho urbano contemporâneo, estabelecendo uma crítica da produção realizada a partir dos anos de 1960 como oposição ao modelo modernista, identificando posturas contemporâneas que repetem muitos dos problemas da cidade preconizada pelo modernismo: o localismo da utopia regressiva (irmãos Krier), o da resistência cultural (Frampton) e o por omissão (Rowe e Koetter). A defesa de "unidades urbanas auto-suficientes" teve apelo tanto entre aqueles que trabalhavam dentro de uma linguagem clássica, como entre os que almejavam uma evolução da tradição modernista. Para Peponis, estes trabalhos, resgatando alguns princípios defendidos por Jacobs e Alexander, propuseram sua aplicação para áreas limitadas da cidade, reduzindo seu potencial de criação de urbanidade. O autor evidencia que, nas críticas pioneiras ao urbanismo modernista, uma reflexão em particular sempre foi evitada: as propriedades projetuais e configurativas das cidades que são integradas espacialmente numa escala da totalidade, sem que se comprometa a diferenciação e o caráter distinto de suas partes.

A análise realizada por Peponis estrutura-se a partir da Teoria da Sintaxe Espacial, apresentada por Hillier & Hanson (1984) que propõe o estudo da relação entre forma urbana e apropriação social dos espaços públicos. Segundo os autores é possível demonstrar como a configuração da malha viária pode ser um aspecto definidor dos fluxos de movimento, pois são capazes de concentrar ou restringir esses fluxos e estabelecer hierarquias que constroem uma rede de diferenças nas vias que compõem o sistema urbano. A estrutura configuracional é responsável por uma porção de movimento, chamado por Hillier (1996) de movimento natural. Segundo o autor, o espaço tem efeitos tanto sobre os movimentos, quanto sobre os atratores, que se posicionam nas áreas mais acessíveis para aproveitar os fluxos de movimento. A configuração da malha viária, por sua forma de articulação, estabelece a hierarquia do movimento definindo áreas com maior e menor concentração de fluxo.

A análise das configurações locais da Cidade Pedra Branca foi embasada nos princípios da Sintaxe Espacial, relacionando a forma urbana com o uso do solo e, a partir daí, detectando limites e possibilidades de apropriação do espaço público. Foi realizada em diferentes escalas, buscando compreender também como se estabelecem as relações do projeto com o tecido continental do aglomerado urbano da grande Florianópolis. Outras referências conceituais deste trabalho são HOLANDA (1992) e REIS (1994).

Nesta breve exposição dos princípios conceituais que nortearam este trabalho cabe uma palavra a respeito do Novo Urbanismo, movimento que se firmou no contexto norte-americano através do primeiro CNU (*Congress for the New Urbanism*), em 1993, e da "Carta do CNU", de 1996. A vinculação com o grupo europeu ocorreu apenas em 2003, porém, em seu processo de construção, demonstra a existência de relações entre arquitetos americanos e europeus desde fins da década de 1970. Na Europa foi construído pelo grupo de arquitetos formado em torno de Léon Krier e, nos Estados Unidos, por um grupo de arquitetos, entre os quais Calthorpe, Duany e Plater-Zyberk. A partir de uma crítica ao espraiamento dos subúrbios norte-americanos, o Novo Urbanismo procura resgatar tipos urbanísticos e arquitetônicos da cidade tradicional, destacando a maneira de viver usufruindo do espaço público, retomando o senso de vizinhança e aceitando o re-desenho dos estilos tradicionais. Busca nas ruas e na arquitetura o espaço a sociabilidade, dando ênfase ao percurso do pedestre, ao uso misto dos bairros e a diversidade das classes sociais como elementos imprescindíveis para a organização das cidades. Suas proposições coincidem, em muitos aspectos, com autores como Jacobs e Krier, tendo em comum, em seus argumentos, que a ordenação física resultante do modernismo, contribui para eliminar a experiência urbana, conduzindo à falta de vitalidade dos espaços públicos. As propostas constantes das Cartas do Novo Urbanismo situam-se no

âmbito da crítica ao movimento modernista, buscando no resgate da cidade tradicional o uso e a qualificação dos espaços públicos. Porém, muitas vezes acabam se apresentando como modelos introvertidos e autocontidos, se firmando mais em termos locais do que em termos globais. Tais características podem ser observadas, por exemplo, no caso analisado, o projeto Cidade Pedra Branca.

#### 4 ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE PEDRA BRANCA



Figura 4. Projeto Pedra Branca: inserção junto ao entorno imediato – baixa densidade, vazios urbanos e áreas monofuncionais atuando como barreiras e dificuldades à permeabilidade com o tecido pré-existente.  
Fonte: Autora - Elaboração sobre Google Earth

O projeto Cidade Pedra Branca se constitui num rico material para realização de estudos acerca das implicações que a configuração urbana pode trazer aos diversos aspectos da vida de sua população. O recorte analisado compreende, além do centro de bairro, a região compreendida por seu entorno. A definição deste recorte objetiva que a análise não seja apenas local, compreendendo o todo da estrutura urbana onde está inserido. Observe-se que o projeto Cidade Pedra Branca está circundado por usos e atividades que constituem uma barreira a sua permeabilidade. Estas áreas que são formadas, principalmente, por grandes zonas residenciais unifamiliares, aeroclube, áreas industriais e vazios urbanos, que isolam a região estudada da cidade que, gradativamente, vem crescendo ao seu redor.

A centralidade urbana proposta pelo projeto Cidade Pedra Branca foi analisada, inferindo reflexões a respeito do papel que desempenharia enquanto articuladora do bairro como um todo e criadora de um campo de encontros imprevisíveis, não programados e socialmente diversos. Utilizando princípios teóricos e metodológicos da Sintaxe Espacial, a análise da forma foi feita em relação à copresença. Para desenvolvê-la foram realizadas leituras em diferentes escalas, analisando barreiras espaciais, permeabilidades e usos do solo. Essas leituras incluíram o estudo das configurações locais e do todo do espaço urbano proposto, incluindo também o estudo da articulação do projeto com o entorno preexistente.

#### 4.1 Os espaços públicos na escala local



Figura 5. Cidade Pedra Branca

Figura 5A. Implantação e Figura 5B. Centro de Bairro – Espaços Públicos definidos pela massa edificada, franca relação entre a edificação e a rua, diversidade de usos funções. Resgate de atributos espaciais de urbanidade na escala local.

Fonte: Pedra Branca Empreendimentos Imobiliários

Os espaços públicos do Projeto Cidade Pedra Branca, na escala local, possuem potencial para dar suporte a uma vida pública mais intensa, variada e atraente e com boa dose de diversidade. Nesta escala, os espaços públicos se apresentam como vazios escavados na massa edificada, tendendo a concentrar fluxos de circulação e a promover uma apropriação mais intensa. Seu desenho resgata características da cidade tradicional favoráveis à urbanidade, apresentando uma rede de espaços públicos conectada e contínua em todo o chamado centro de bairro, que se estende no entorno imediato do empreendimento, se perdendo, porém, na escala da totalidade urbana. No que se refere aos usos no território, o chamado centro de bairro é bastante heterogêneo, agregando usos residenciais, comerciais, serviços e lazer, procurando ter uma distribuição temporal equilibrada. A alta densidade propicia a concentração de pessoas em grande parte da área.

Há uma rede de passeios e de ciclovias, e as praças, áreas verdes, esportivas e de lazer são bastante utilizadas. O caráter misto das edificações e o térreo das mesmas predominantemente comerciais, aliado ao resgate do uso da rua através da integração entre o conjunto formado pelo recuo das edificações, passeios e vias, e a prioridade ao pedestre visam propiciar acessibilidade, conforto, uso e legibilidade aos espaços. Este conjunto de ações constituem padrões favoráveis à urbanidade e tendem a garantir que haja uma apropriação variada e distribuída no tempo. Esta urbanidade, porém, se perde na medida em que a leitura vai sendo feita na totalidade da estrutura urbana. O centro do bairro projetado - com espaços públicos propostos que oportunizam a diversidade e a vitalidade urbana - não se conecta aos espaços públicos do entorno, principalmente em função das barreiras que levam à falta de permeabilidade com as preexistências construídas.

#### 4.2 Inserção com entorno imediato – os espaços públicos na escala do todo

O projeto Cidade Pedra Branca busca resgatar algumas características da cidade tradicional na escala local, porém apresenta, no modo em que se articula com o entorno urbano, atributos pouco favoráveis à urbanidade: é desconectado do entorno, sua rede de espaços públicos não estabelece continuidade com as localidades vizinhas, é cercado por áreas de amortecimento (vazios urbanos, aeroclube, grandes áreas unifamiliares, áreas industriais) que reforçam esta desconectividade com o todo do tecido urbano.

A distribuição dos usos no território é de forma desigual, e o padrão de setorização pré-existente contribui para a existência de atividades que não se complementam, além de definirem trechos inteiros da área que possuem quase a totalidade de suas edificações fechadas fora dos dias e horários de uso mais intenso - ciclo de uso morar/ trabalho. A densidade, de forma geral, é baixa - exceto no centro de bairro projetado - o que, não favorece a concentração de pessoas. As classes sociais estão separadas em nichos de população

homogênea. A estrutura do todo favorece o transporte individual, em detrimento dos demais modais, sendo que o sistema viário não atende à demanda nos horários de pico.

Em relação aos espaços públicos existentes no entorno, não há rede de passeios e de ciclovias, a estrutura de suporte ao transporte coletivo, as praças, áreas verdes, esportivas e de lazer são - exceto no centro de bairro projetado - bastante precárias, além do fato do automóvel invadir as calçadas e áreas públicas existentes, constituindo padrões bastante desfavoráveis à urbanidade.

Os fatores acima elencados determinam, de uma maneira geral, espaços públicos vazios ou subutilizados, ou seja, não há gente, gente variada e gente o tempo todo. Outra questão observada é que o centro de bairro projetado - com espaços públicos propostos que oportunizam a diversidade e a vitalidade urbanas - não se conecta aos espaços públicos do todo, pelo fato do distanciamento que o zoneamento pré-existente e os vazios urbanos acarretam, sem que haja proposições de intervenções que possam mitigar estes efeitos com padrões espaciais favoráveis à urbanidade.

## **5 Considerações finais**

O projeto Cidade Pedra Branca, primeiro exemplar totalmente concebido sob os princípios do Novo Urbanismo que está sendo construído no Brasil, resgata tipos urbanísticos e traços da arquitetura da cidade tradicional, destacando uma maneira de viver usufruindo do espaço público e visando retomar o senso de vizinhança. A exemplo de várias outras proposições do Novo Urbanismo consegue reproduzir relações das cidades antigas, no que se refere à vida nos espaços públicos. A problemática se faz presente em função deste resgate estar relacionado aos seus fragmentos. Como bem coloca Peponis (1989) os que tentaram isto, como os irmãos Krier, propuseram a decomposição do espaço urbano em unidades elementares, falhando ao lidar com o todo da estrutura urbana.

Neste sentido, esta proposta, a exemplo de outras efetivamente implementadas por esta corrente, se assemelha àquelas demais surgidas de crítica ao urbanismo modernista, se estruturando de modo relativamente introvertido e autocontido, se firmando em termos locais, porém sem uma efetiva integração com o todo da estrutura urbana. Ou seja, constatou-se que, analisado em uma escala local, o projeto Cidade Pedra Branca efetivamente apresenta características que expressam a busca por espaços dotados de urbanidade: espaços públicos bem configurados, diversidade equilibrada de usos e atividades, resgate de importantes atributos urbanos existentes em cidades consolidadas. Mas, por outro lado observou-se também a falta de uma efetiva conexão com o entorno preexistente.

## **BIBLIOGRAFIA**

- CHOAY, F. (1985). O Urbanismo. Utopias e realidades. São Paulo: Perspectiva.
- DUANY, A. & SPECK, J. (2010). The Smart Growth Manual. EUA. Mc Graw Hill.
- GEHL, J. (2006). La humanizacion del espacio urbano: la vida social entre los edificios. Barcelona: Reverte.
- GEHL, J. GEMZOE, L. (2001) Novos Espaços Urbanos. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli.
- HILLIER, B. & Hanson, J. (1984). The Social Logic of Space. Cambridge University Press.
- HILLIER, Bill. Morfologia Urbana e las Leyes del objecto (mimeo), 1986.
- HOLANDA, F. (org.) (2003). Arquitetura & Urbanidade. São Paulo: Pro-editores.
- HOLANDA, F. (1998). O Espaço da Exceção. Brasília: Editora da UnB.
- JACOBS, J. (2003). Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes.
- KATZ, P. (1994)- The New Urbanism: Toward an Architecture Community. New York: McGraw-Hill, Inc.
- KRIER, R. (1981). El Espacio Urbano. Barcelona: Gustavo Gilli.
- PEPONIS, J. (1981). Espaço, Cultura e Desenho Urbano no Modernismo Tardio e Além Dele. In: Boletim do IAU no. 51, Brasília, UnB.
- REIS, A. F. (1994). Forma e Apropriação dos Lugares Públicos. Um Estudo Sintático do Centro de Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano, UNB. Brasília.
- ROGERS, R. e GUMUCHDJUAN, P. (2005). Cidades para um pequeno planeta. Gustavo Gilli. Barcelona.
- SENNET, R. (1993). O Declínio do Homem Público: as Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.
- SITTE, C. (1992). A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos. São Paulo: Editora Ática.
- SOLÁ-MORALES, M. (1993). Las formas de crecimiento urbano. Barcelona: Edicions UPC, Barcelona.